

MESA 5-2
COMPREENSÃO DA IDENTIDADE CULTURAL
LOCAL ATRAVÉS DA POLIDEZ

Profa. Ms. Luciana Slomp Bancich
Universidade de Caxias do Sul - Brasil

Resumo: Crucial para o desafio de integração da América Latina está a questão do conhecimento, compreensão e valorização das diferentes formas de manifestação/atuação da identidade e cultura locais. Tendo em vista a necessidade de relacionar aspectos culturais ao ensino de Português-Língua Estrangeira, esta pesquisa analisa o modo como as pessoas de uma determinada comunidade realizam a polidez, relacionando-o à cultura e à história locais. Foram feitas entrevistas com os nativos para coletar fórmulas de polidez usadas nas zonas urbana (Caxias do Sul) e rural (São Roque) e para saber o significado cultural dessas fórmulas a partir do ponto de vista êmico. Os atos de fala analisados foram os do cumprimento, do agradecimento, da recusa a um pedido, do recebimento de visitas e do ato de despedir-se delas. Tem-se como suporte teórico a Antropologia Lingüística e uma proposta, a de Cultura como Prática Corporificada (FOLEY, 1999; DURANTI, 1997). A Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1979, 1987, 1999), que fornece estratégias de polidez positiva e negativa, nos serviu de base para a análise dos dados. Os resultados obtidos foram interpretados a partir da idéia de que o modo como os nativos da região realizam a polidez tem vínculo expressivo com a cultura e história da imigração italiana. Além disso, a reflexão realizada pode consistir num aporte lingüístico que contribui significativamente para a compreensão da identidade e cultura locais e pode ser representativo e útil para o ensino de Português-Língua Estrangeira.

Palavras-chave: Cultura Regional; Polidez; Ensino de Português-Língua Estrangeira; Cultura como Prática Corporificada; Identidade Cultural

1 COMPREENSÃO CULTURAL

Para haver integração e respeito entre diferentes culturas, é imprescindível que haja conhecimento, compreensão e valorização acerca das diferentes formas de manifestação/atuação cultural. Um dos recursos de análise é o lingüístico-cultural. A pesquisa intitulada *Polidez e Cultura Regional: uma análise da realização de atos de fala de polidez na antiga região de imigrantes italianos do Rio Grande do Sul*, realizada pela autora no Curso de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, faz uso da língua, através dos atos de fala de Polidez como forma de revelação histórico-cultural. Tal estudo foi motivado pela necessidade de inserção de aspectos culturais a aulas de ensino de Português-Língua Estrangeira.

Inicialmente, apresentaremos algumas questões de cunho teórico como a Teoria da Polidez com algumas estratégias consideradas universais (BROWN; LEVINSON, 1979, 1987, 1999). Após, apresentaremos algumas questões metodológicas, seguidas da análise de duas das práticas transgeracionais locais que nos servirão de exemplificação. Como suporte principal para análise e discussão dos resultados da pesquisa temos a própria Teoria da Polidez e a Teoria da Cultura como Prática Corporificada (FOLEY; DURANTI, 1997), baseada na

noção de *habitus* de Bourdieu (1977, 1990). Finalmente, apresentaremos algumas conclusões culturais acerca da região de antiga imigração italiana em Caxias do Sul.

2 TEORIA DA POLIDEZ

A Polidez tornou-se objeto de estudos da Lingüística a partir de Brown e Levinson (1979, 1987, 1999) que cunharam a Teoria da Polidez, oferecendo-nos, entre outras noções, estratégias universais de realização de polidez, com base na noção de Face de Goffman (1967). Tais estratégias são realizadas não só verbalmente, através dos atos de fala, mas corporalmente e de acordo com valores da cultura local, situação social e características dos interactantes (grau de formalidade, intimidade entre os interactantes, idade, gênero, etc). Embora se possa considerar o ato de agradecer, por exemplo, como universal, há diferentes formas de agradecer que são culturalmente motivadas.

A pesquisa feita é sobre os atos de *cumprimentar, agradecer, recusar um pedido, receber visitas em casa e despedir-se delas*, no que se refere às fórmulas que os nativos usam, seus significados e sua percepção de adequação em diferentes contextos, sob o ponto de vista êmico, a partir de uma concepção de cultura como sendo o “domínio das práticas transgeracionais de pessoas que se comunicam dentro de um sistema social” (FOLEY, 1997, p. 14) e sempre levando em consideração os aspectos lingüísticos, sociais, pragmáticos, históricos e culturais. O problema de pesquisa corresponde às seguintes questões: Que fórmulas lingüísticas são usadas pelos nativos para a realização de atos de fala de polidez? Quais seus significados, a partir da percepção dos próprios usuários?

Brown e Levinson (1987) preferem tratar a questão da face como ‘desejos’ dos interlocutores. Eles dividiram a noção de face em duas: face positiva e face negativa. Cada membro reconhece o *desejo* do outro membro e, em geral, é seu desejo satisfazê-lo. Os dois desejos básicos e universais que caracterizam as faces, de acordo com os autores, são:

Face Positiva – o desejo que cada um tem de que suas necessidades sejam supridas. A auto-imagem positiva ou ‘personalidade’, incluindo o desejo dessa auto-imagem ser apreciada e aprovada.

Face Negativa – o desejo que cada um tem de que suas ações não sejam impedidas pelos outros. Os limites básicos de território/espaco, de defesa pessoal, de direito a não distração. Exemplo: direito de ação e de liberdade frente à imposição.

(Adaptado de BROWN; LEVINSON, 1999, p. 321).

Resumidamente, poderíamos dizer que a face positiva é a “auto-estima e, a negativa, a liberdade de imposição ou constrangimento” (FOLEY, 1997, p. 285). O modo como usamos a língua serve para equilibrar os aspectos das faces: tanto o positivo quanto o negativo. Se pedirmos um favor para alguém, isso pode significar uma mudança no equilíbrio vigente, já que a pessoa à qual foi pedido um favor terá (ou não) que alterar seus planos. Outra contribuição da língua, além da manutenção da face, é a apresentação do *self* (Auto-imagem própria.) como recurso material e simbólico disponível através das instituições sociais nas quais as pessoas interagem. A interação social e a manutenção da face facilitam o significado lingüístico.

Brown e Levinson (1987) dizem que sua teoria proporciona um útil instrumento etnográfico para uma análise profunda da qualidade das relações sociais, mas afirmam que apenas esboçam as direções a serem tomadas por tal análise e é nesse sentido que fazemos uso da Teoria da Polidez. Os próprios autores afirmam que se utilizam dessa teoria para desenvolverem tipologias das

culturas de acordo com o tipo de polidez dominante numa determinada comunidade (FOLEY, 1997, p. 273).

2.1 Estratégias de polidez

Brown e Levinson (1987) associam as duas noções de face às *Estratégias de Polidez* que, para eles, também são de cunho universal. Como vimos antes, apesar de as noções de face serem consideradas universais, existem diferenças culturais na forma de realizar a polidez. Em nossos dados, por exemplo, as pessoas vizinhas da zona rural que se vêem diariamente não sentem a necessidade de se cumprimentarem, e isso não é tido como uma atitude rude. Ninguém espera o cumprimento de manhã e ninguém o dá! Já na zona urbana da mesma cidade, o fato de não cumprimentar os colegas de trabalho seria considerado um ato rude, de falta de educação. Brown e Levinson (1979 apud ALONSO, 2002) vêem a polidez em termos de conjunto de estratégias para mitigar os atos de fala que são ameaçadores à própria face ou à do interlocutor. Para os autores, o que vale a pena destacar são as variadas estratégias de polidez que operam “como um tipo de freio ou acelerador social para aumentar ou diminuir a distância social em relações pessoais”. De acordo com Alonso (2002), enquanto a face positiva clama por estratégias de polidez positiva – estratégias de aprovação, que expressam afeto, além de solidariedade, amizade e elogios-, a face negativa clama por respeito ao seu livre arbítrio, pelo individualismo, pelo distanciamento e pela não imposição. Eis algumas das estratégias de polidez positiva e negativa cunhadas pelos autores da Teoria da Polidez (exemplos nossos), que nos servirão como base para análise das estratégias que são utilizadas na região em questão, para realizar os atos de fala de polidez:

Estratégias de polidez positiva: atender as necessidades, os desejos e os interesses do outro – *Tu (es)tá triste hoje? Posso ajudar?*; exagerar, mostrando interesse, aprovação e simpatia para com o outro – *Bah! O teu cabelo ficou tri bonito! Onde tu cortou?*; intensificar interesse pelo outro – *Onde é que tu andava(s)?*; fazer uso dos marcadores de identidade social – *E aí, meu?*; *Oi, diretora!*; buscar acordo sempre – *Acho uma excelente idéia!*; brincar – *Que feia que tu (es)tá hoje!*

Estratégias de polidez negativa: ser indireto – *Tu não quer(es) um cafezinho?*; questionar, dar limites – *Tu pode me passar só o açúcar?*; ser pessimista – *Tu não tem(s) um dinheirinho para me emprestar, né?*; minimizar o tamanho da imposição do outro – *Não é tão longe assim. Só mais algumas quadras*; respeitar o outro – *Como vai o senhor?*; declarar os FTAs (*FTA (Face Threatning Act) - Ato Ameaçador de Face.*) como regra geral – *Eu não gostaria de pedir nada para ele.*

(Adaptação e tradução nossa de
BROWN; LEVINSON, 1999, p. 334 e de
FOLEY, 1997, p. 271).

Como cada cultura possui seu próprio repertório de estratégias de polidez, poderíamos formar categorias relativas às faces em qualquer comunidade do país, relacionadas a fórmulas lingüísticas e seus significados, esses segundo o ponto de vista dos próprios falantes. Assim, teríamos um excelente recurso para análise e compreensão cultural.

3 CORPUS DE ANÁLISE

O *corpus* de análise desta pesquisa foi gerado a partir da entrevista com 16 nativos, com o levantamento de fórmulas e expressões lingüísticas de que a comunidade faz uso para realizar atos de polidez, e também significados a elas atribuídos. Foi realizada a aplicação de dois instrumentos (A e B) para a obtenção dos dados. A aplicação foi feita no modo entrevista, sem gravação; à medida que a pesquisadora ia procedendo as questões, fazia anotações que lhe permitiam preencher os formulários e registrar informações relevantes. O instrumento A é uma entrevista em cuja primeira parte há questões acerca de informações pessoais (idade, local de nascimento, viagens, profissão, atividades de lazer, etc) e, na segunda parte, são apresentadas dez situações sociais que envolvem a polidez: os atos de fala de cumprimentar, de agradecer, de recusar um pedido, de receber visitas e de despedir-se delas, dentro de contextos diferentes, como grau de formalidade e intimidade entre os interactantes, cenários diversificados, entre outros. Eis algumas das perguntas feitas aos nativos:

1. Como você cumprimenta o seu chefe?
 2. Você encontra seu/sua melhor amigo (a) na rua, depois de muito tempo sem vê-lo(a). Como você cumprimenta?
 3. Seu chefe lembra do seu aniversário e lhe dá um presente bem caro, pelo qual você jamais esperaria. Como você agradece?
 4. Como você agradece sua mãe pelo almoço delicioso que ela fez, especialmente para você?
 5. Seu/sua amigo(a) precisa que você vá com ele(a) ao médico, mas você não quer. O que você diz?
 6. Como você recebe visitas em casa? O que você diz?
 7. Como você se despede das visitas? O que você diz?
 8. Seu irmão adolescente lava seu carro no fim de semana, porque você está de cama, doente. Qual das formas abaixo você empregaria para agradecê-lo?
 - a) Aí, valeu!
 - b) Muitíssimo obrigado.
 - c) Fico muito grato.
 - d) Outro:
-

Já o instrumento B consta de questões acerca de seis fórmulas levantadas pela aplicação do instrumento A, que poderiam causar estranheza para quem não pertence à comunidade. Esse instrumento foi aplicado aos mesmos informantes, com o propósito de verificar os significados atribuídos por eles às seguintes fórmulas: *Não precisava!*; *Fico(u) rico?*; *Pensava que tu tinha morrido (que não vinha mais me visitar)!*; *Não morreu ainda?*; *Beleza!*; *Valeu!*; e *Como é que é?* Esse instrumento foi aplicado com o objetivo de servir de suporte à nossa análise. Procurou-se responder, junto aos nativos, às seguintes questões: Qual o significado da fórmula X? Para que serve? Por que se usa? Quem usa essa fórmula (jovens, adultos, qualquer um)? Para quem se diz? Quando se diz/em que situação? E de que forma se diz? Esse instrumento também foi aplicado a três sujeitos que não fazem parte das localidades em questão e não têm influência cultural da região, nem da imigração italiana. O objetivo desse levantamento complementar foi o de confirmar a peculiaridade de certas fórmulas à região, às localidades pesquisadas.

4 ANÁLISE DE PRÁTICAS CULTURAIS

Com o intuito de fornecer subsídios à construção de um arquivo de fórmulas de polidez utilizadas pelos nativos, apresentaremos quadros-resumo de duas práticas socioculturais da região da antiga imigração italiana. A Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1978, 1987, 1999) e a proposta de Cultura como Prática

Corporificada de Foley (1997), baseada na noção de *habitus* de Bourdieu (1977, 1990), sustentarão a análise e discussão.

A seguir, apresentaremos a análise do quadro-resumo das práticas empregadas para realizar o ato de fala de cumprimentar de polidez positiva e em situação informal em Caxias do Sul. Situação 1: *Você chega ao trabalho/escola e cumprimenta um colega. O que você diz?*

Quadro-resumo 1- cumprimento informal

Práticas	Enunciados
Fazer uso das fórmulas convencionalizadas <i>Bom dia!/Boa tarde!, Oi! e Olá!</i> (menos freqüente), para manter a neutralidade	Bom dia/tarde! Oi! Olá!
Perguntar (mais de uma vez) como o outro está, mostrando consideração a ele	Como é que (es)tá/vai? Tudo bem/bom? E aí? Beleza?
Perguntar sobre como foi o fim-de-semana ou um dia anterior para demonstrar interesse pelas atividades do outro	Como foi o fim de semana?
Não cumprimentar ou cumprimentar raramente, marcando intimidade com o outro	(Não cumprimento porque vejo a pessoa todo dia) (Raras vezes digo <i>Bom dia!</i> , senão não se diz nada)
Atenuar o que vai ser dito posteriormente, demonstrando consideração pelos sentimentos do outro	Como é que é?
Fazer uso da ironia, para demonstrar intimidade entre os interactantes	Hoje a hora extra vai come(r) fro(u)xo!
Fazer uso da fórmula convencionalizada na língua italiana " <i>Buon giorno!</i> " a fim de expressar estado de alegria	" <i>Buon giorno!</i> " (Quando estou mais feliz)
Expressar surpresa, demonstrando alegria ao ver o outro	Bah!

A prática transgeracional do ato de fala do cumprimento informal, na cultura local, através do uso da fórmula convencionalizada *Bom dia!* parece predominar, marcando neutralidade e consideração pela face positiva do outro, além da preservação da própria face. Quem faz uso do *Bom dia!* ou *Oi!* nunca peca, já que parecem ser expressões recorrentes, que denotam educação e neutralidade. Tais fórmulas, pertencentes à linguagem supra-local, podem ser consideradas vazias de seu significado literal, mas que se não forem ditas numa situação em que são esperadas, mostram desrespeito à face positiva do outro. De acordo com Goffman (1971 apud NAIDITCH, 1998), fórmulas presentes em todas as comunidades de fala como *Bom dia!*, *Saúde!*, *Obrigado!*, por exemplo, estão entre as ações mais mecânicas e convencionalizadas em que nos engajamos e, por isso, poderíamos pensá-las como triviais ou até mesmo vazias de significado; mas a verdade é que sua importância fica evidente quando as omitimos ou não as validamos em nosso discurso (GOFFMAN, 1971 apud NAIDITCH 1998, p. 34). O uso da fórmula convencionalizada *Bom dia!* aparece sendo usada na língua italiana - "*Buon giorno!*", para sinalizar, de acordo com a informante S da zona urbana, que está feliz naquela manhã.

Se existe uma intimidade maior entre os interlocutores, podemos perceber a disposição durável de expressar consideração pelo outro, perguntando-lhe como está (*Como é que (es)ta/vai? Tudo bem/bom? E aí? Beleza?*), o que remete à estratégia de polidez positiva de Brown e Levinson (1987) de fazer perguntas ao

outro. Percebemos também o uso de perguntas sobre como o outro está, ditas mais de uma vez pelo interlocutor, o que reforça o interesse pelo interactante. Aliado a essa atitude, podemos perceber também o interesse pelas atividades do outro, como no enunciado *Como foi o fim de semana?* As fórmulas *E aí?* e *Beleza?* são formas de perguntar como o outro está, sendo mais utilizadas pelos jovens. O informante R, adolescente da zona rural, considera a fórmula *Beleza!* como um cumprimento que equivale a *Tudo bem?* A consideração pela face positiva do outro é também demonstrada com o uso da fórmula que expressa surpresa e alegria ao ver o amigo - *Bah!*

Há uma referência à prática corporificada do informante R da zona urbana, do gênero masculino, que faz menção à ação de dar a mão ou um tapa nas costas dos guris. Em contrapartida, o informante R da zona rural, do mesmo gênero, afirma que somente pergunta como o outro está para 'os de fora', o que reforça a idéia de que o ato de não cumprimentar reflita a intimidade entre os que praticam os mesmos empreendimentos ou que moram numa mesma localidade, podendo ver-se todos os dias.

Um dos sujeitos revela a prática de usar fórmulas que tenham a intenção de atenuar o que vai ser dito posteriormente, respeitando a face positiva do outro, embora a percepção do sentido de seqüências como essa possa divergir de informante para informante. Quando questionado sobre a expressão *Como é que é?*, o informante disse que servia para convidar alguém para fazer alguma coisa, equivalendo a *Vamos lá!*, usada antes de uma pergunta, para atenuá-la.

A ironia faz-se presente com a expressão *Hoje a hora extra vai come(r) fro(u)xo!* que, de acordo com o entrevistado, significa que os agricultores terão que trabalhar até mais tarde naquele dia. A ironia, a brincadeira também parecem estar amenizando a realidade do trabalho duro na roça e embaixo das parreiras, sendo, portanto, um ato de polidez positivo.

Como vimos anteriormente, de acordo com Goffman (1967, in: RIBEIRO; GARCEZ, 1998), há regras claras para o início e término de encontros e não há como negar a quantidade de vezes que precisamos cumprimentar as pessoas do nosso convívio, mas uma prática exclusiva à comunidade rural está no fato de alguns sujeitos não cumprimentarem as pessoas que vêem todos os dias. Tal prática não é considerada ofensiva e é mais freqüente entre os mais velhos. O cumprimento verbalizado ocorre para 'os de fora', não havendo necessidade de cumprimentar a quem faz parte da família e/ou comunidade, em que as pessoas se vêem diariamente. Isso instancia uma prática corporificada transgeracionalmente, de relacionamentos sociais em pequenos grupos nucleados pela família, situação vivenciada pelos primeiros imigrantes. Constitui a cultura local o *habitus*, particularmente o de Caxias do Sul -zona rural -, a disposição durável de considerar íntimos aqueles com quem convivemos diariamente em torno de um empreendimento (estudo ou trabalho), o que elimina a necessidade de cumprimentar, opostamente aos que não são de nosso convívio, para quem o cumprimento é necessário.

Agora, eis o quadro-resumo do ato de fala da recusa a um pedido. A situação apresentada ao nativo foi a seguinte: *Seu/sua amigo(a) convida você para jantar na casa dele(a), mas você tem que estudar para uma prova importante na manhã seguinte. O que você diz?*

Quadro-resumo 2 - recusa a um convite

Práticas	Enunciados
Expressar desapontamento, lamentando	Bah! - Ah! - Lamento. Uma pena que eu não posso. ... eu tenho que ficar em casa. Não posso sair.
Recusar, justificando-se	Vo(u) te(r) que estuda(r) porque fui mal na prova. (Acabo indo para que a pessoa não se ofenda. Se dá um jeito. Em último caso, dá uma desculpa do tipo: "Tenho uma janta em outro lugar" ou, "Tenho futebol". Amanhã de manhã tenho prova e tenho que estuda(r) Tenho que levanta(r) cedo amanhã. ...eu tenho uma prova muito importante amanhã e eu tenho que ficar em casa. Tenho que ir na comunidade para trabalhar. Estamos organizando a festa. Tenho que estudar. Amanhã tenho prova. (Es)to(u) muito cansada. Trabalhei bastante hoje. ...mas eu tenho que estudar para a prova de amanhã/tenho um compromisso. ...mas não vou por causa que eu tenho compromisso marcado. Não posso adiar meu compromisso. Não posso (...) Não posso. Hoje não dá. Não vo(u). Uma pena que eu não posso.
Aceitar o convite para não ofender o outro	(Acabo indo para que a pessoa não se ofenda. Se dá um jeito). (Iria o mesmo. Dava um jeito). Eu tenho um exame amanhã que eu tenho que estudar, mas eu vo(u) da(r) uma lidinha rápida na matéria e de noite (es)to(u) indo aí. (Tenho isso por um hábito, como fui criada. Penso que toda vez quando me convidam para alguma coisa é porque querem minha companhia. Vale mais o sentimento dela do que o meu. Mesmo que isso vá me prejudicar)
Agradecer a fim de diminuir o débito	...mas mesmo assim, obrigada pelo convite! Te agradeço, mas ... Muito obrigado(a) pelo convite!
Tentar marcar o encontro para outro dia, mostrando consideração pelo outro	Será que a gente não pode fazer essa janta outro dia de novo? Que tal outro dia? Mas é possível transferir essa janta, porque amanhã eu não posso? Fica para outra hora, então. Fica para outra oportunidade, então. Deixa pra outro dia. Não posso. Outro dia pode ser que eu vá, ma(s) hoje não.
Recusar, sendo direto e exagerando	Hoje não, não, não. Hoje não vo(u). Nem pensa(r). Trabalhei bastante hoje. Ma(s) nem que tu me carregue nas costas. (Es)to(u) muito cansada.
Dizer que não poderia ir, demonstrando boa vontade	Eu tenho um exame amanhã que eu tenho que estudar, mas eu vo(u) da(r) uma lidinha rápida na matéria e de noite (es)to(u) indo aí. (Tenho isso por um hábito, como fui criada. Penso que toda vez quando me convidam para alguma coisa é porque querem minha companhia. Vale mais o sentimento dela do que o meu. Mesmo que isso vá me prejudicar)

Novamente em relação à prática da recusa a um pedido, vista como um *FTA* (ver nota 3), percebemos bastante incidência de expressões chamadas por Brown e

Levinson (1979) de *chamadores de atenção*, já que “proporcionam a eficiência metafórica para ênfase” (1979 apud ALVES 1994, p. 147), como podemos ver no início de alguns enunciados (*Bah!*; *Ah!*), demonstrando sentimentos de desapontamento pelo fato de o interlocutor não poder/querer aceitar o convite - *Lamento.*; *Uma pena que eu não posso.*; .. *eu tenho que ficar em casa. Não posso sair.*; *Eu gostaria muito de vir, mas...*; *Eu gostaria muito, mas...*; e *Gostaria de ir, mas...* Tais expressões ocorrem, geralmente, antes da prática de dar uma desculpa e/ou justificar o não aceite do convite (já que não sabemos a real intenção da pessoa). Veja as desculpas/justificativas: *Vo(u) te(r) que estuda(r) porque fui mal na prova.*; *Tenho um compromisso.*; *Acabo indo para que a pessoa não se ofenda. Se dá um jeito. Em último caso, dá uma desculpa do tipo: “Tenho uma janta em outro lugar” ou, “Tenho futebol”.*; *Amanhã de manhã tenho prova e tenho que estuda(r).*; ...*eu tenho uma prova muito importante amanhã e eu tenho que ficar em casa. Não posso sair.*; *Tenho uma janta em outro lugar.*; *Tenho futebol.*; *Tenho que levanta(r) cedo amanhã.*; *Mas é possível transferir essa janta, porque amanhã eu não posso?.*; *Hoje não posso. Tenho que estuda(r).*; *Tenho que ir na comunidade para trabalhar. Estamos organizando a festa.*; *Tenho que estudar. Amanhã tenho prova.*; *(Es)to(u) muito cansada. Trabalhei bastante hoje.*; ...*mas tenho que estudar.*; ...*mas eu tenho que estudar para a prova de amanhã/tenho um compromisso.*; e ...*mas não vou por causa que eu tenho compromisso marcado. Não posso adiar meu compromisso. É importante destacar, considerando-se a possibilidade de se dizer simplesmente ‘Não, não posso, obrigado’, a preocupação e a intensidade em justificar a recusa, desculpando-se, revelando o quanto essa é custosa na cultura local.*

Nos dados relativos à recusa a um pedido, podemos perceber a disposição durável de tentar minimizar o *FTA*, com respeito à face do interlocutor, através do agradecimento pelo convite feito - ...*mas mesmo assim, obrigada pelo convite!*; *Te agradeço, mas...*; e *Muito obrigado(a) pelo convite!*, e através da tentativa de marcar o encontro para outro dia - *Será que a gente não pode fazer essa janta outro dia de novo? Que tal outro dia?.*; *Mas é possível transferir essa janta, porque amanhã eu não posso?.*; *Fica para outra hora, então.*; *Fica para outra oportunidade, então.*; *Fica pra outro dia/outra vez.*; *Deixa pra outro dia. Não posso.*; *Outro dia pode ser que eu vá, ma(s) hoje não.*; e *Fica para outra oportunidade.*

A face negativa da pessoa que recusa o convite é preservada ao dizer que ela não pode ir à janta como em *Não posso (...)* *Não posso.*; *Hoje não dá.*; *Uma pena que eu não posso.*; ...*amanhã eu não posso.*; *Uma pena que eu não posso.*; *Não posso sair.*; *Não vou poder ir.*; e *Não posso adiar meu compromisso*, e a preservação de sua face negativa fica ainda mais evidente quando há o exagero na recusa como em *Hoje não, não, não. Hoje não vo(u).* *Nem pensa(r).* *Trabalhei bastante hoje. Ma(s) nem que tu me carregue nas costas. (Es)to(u) muito cansada.* As fórmulas utilizadas indiretamente, sem justificativas ou sem pedido de desculpas, expressam que há intimidade e confiança entre os interactantes sendo, portanto, uma estratégia positiva.

A incidência de práticas opostas à recusa também é significativa - *(Acabo indo para que a pessoa não se ofenda. Se dá um jeito).*; *(Iria o mesmo. Dava um jeito).*; e *Eu tenho um exame amanhã que eu tenho que estudar, mas eu vo(u) da(r) uma lidinha rápida na matéria e de noite (es)to(u) indo aí. (Tenho isso por um hábito, como fui criada. Penso que toda vez quando me convidam para alguma coisa é porque querem minha companhia. Vale mais o sentimento dela do que o meu, mesmo que isso vá me prejudicar).* A aceitação do convite pode vir junto com a informação de que a pessoa não poderia ir, mas acaba indo em reconhecimento à face positiva do interlocutor. Essa prática de aceitar um convite, mesmo não querendo ir, pode advir da disposição durável da ajuda mútua, de não conseguir dizer não e de considerar os sentimentos do outro como mais importante do que os seus.

Assim, podemos concluir que a prática da recusa a um pedido vem quase sempre acompanhada de justificativas, sendo que tal ato serve para minimizar o ônus da recusa, com respeito à face positiva do interlocutor.

7 CONCLUSÕES CULTURAIS ACERCA DE CAXIAS DO SUL

Nosso objetivo para a realização deste estudo era o de analisar algumas das práticas associadas às estratégias de polidez utilizadas pelos habitantes de Caxias do Sul (zona urbana) e de São Roque (zona rural). Para tanto, coletamos junto aos nativos fórmulas lingüísticas dos atos de fala de polidez positiva e investigamos qual o significado cultural atribuído a essas fórmulas. Tínhamos em vista o ensino de Português-Língua Estrangeira, porque consideramos inviável o ensino de uma língua desvinculada de seus aspectos histórico-culturais. Assim, nosso objetivo geral tinha como alvo contribuir para revelar características socioculturais da região, para a compreensão da nossa própria cultura, identidade e história, bem como para fornecer subsídios à construção de conhecimento na área de PLE, principalmente à reflexão sobre o acréscimo fundamental de elementos pragmáticos, extralingüísticos e socioculturais a aulas, além de fornecer subsídios lingüístico-culturais aos estrangeiros tendo em vista sua adaptação e compreensão da cultura a qual ele está inserido.

Acreditamos que nosso objetivo tenha sido alcançado, já que conseguimos 1) analisar algumas das práticas associadas às estratégias de polidez utilizadas pelos habitantes de Caxias do Sul (zona urbana) e de São Roque (zona rural); 2) investigar qual o significado cultural atribuído às práticas transgeracionais; 3) relacionar algumas das práticas mais significativas à história da imigração italiana e, conseqüentemente; formar um arquivo de fórmulas de alguns atos de fala de polidez positiva que já tem sido utilizado no ensino de PLE.

A seguir, apresentaremos as conclusões a partir de hipóteses previamente formuladas:

1) *O modo como os descendentes de imigrantes italianos na região realizam a polidez privilegia as estratégias de polidez positivas em consideração à face positiva do interlocutor. Conseqüentemente, a região de Caxias do Sul pode ser considerada uma sociedade sociocêntrica. Tal conclusão dismitifica a crença de que o caxiense é frio e rude.*

2) *O habitus de quem vive na zona rural é diferente de quem vive na urbana da cidade de Caxias do Sul, pois as práticas lingüísticas do ato da polidez dão-se de forma diferenciada, em função das diferentes práticas sociais.*

3) *A prática de polidez na realização do ato de fala do cumprimento formal dá-se através do uso de fórmulas convencionalizadas mais comumente, o que reflete a neutralidade como estratégia, a fim de preservar a face positiva do interlocutor e, conseqüentemente, preservar a própria face mas, ao contrário do que acreditávamos em relação ao ato de fala do cumprimento informal entre amigos, as práticas são calorosas, com demonstração de sentimentos e, inclusive com a corporificação da prática do contato físico.*

4) *A autodepreciação na prática transgeracional do ato de fala do agradecimento formal e informal é utilizada como estratégia para a preservação da face positiva do interlocutor, já que se dá através da prática verbalizada e corporificada do rebaixamento pessoal, para a elevação do interactante. No agradecimento informal, a prática do uso de fórmulas convencionalizadas é mais recorrente, demonstrando respeito à face negativa do interactante.*

5) *Acreditávamos haver variação no ato de fala da polidez em quatro faixas etárias (adolescente, jovem, adulto e idoso), mas verificamos que a variação é mais significativa somente entre jovens e adultos, sendo que muitos adultos fazem uso da linguagem jovem quando endereçados aos adolescentes, com o intuito de haver aproximação e identificação.*

6) *A realização do ato de fala do agradecimento a um adolescente por um favor inesperado, quando verbalizado, é mais comumente feito de forma indireta e, quando não verbalizado, é corporificado em forma de retribuição com algo que o*

adolescente goste. A corporificação dessa prática transgeracional é mais comum na zona rural.

8) A prática da recusa a um pedido vem quase sempre acompanhada de justificativas, sendo que tal ato serve para minimizar o ônus da recusa, com respeito à face positiva do interlocutor.

10) O ato de fala de receber visitas em casa é praticado mais comumente com o uso de fórmulas convencionalizadas, demonstrando frieza e indiferença, a princípio, mas que tem como função a manutenção da face positiva do interlocutor e a preservação da própria face. Isso pode ocorrer em virtude, novamente, da desconfiança e o culto ao trabalho. O mesmo ocorre com a estratégia utilizada para a realização do ato de fala de despedir-se de visitas tem como função a manutenção da face positiva do interlocutor. Como “o gelo já foi quebrado”, a demonstração de sentimentos após contato com amigos, revela que a visita foi agradável. Também percebemos a prática de acompanhar a visita até a porta para uma despedida verbalizada e corporificada com acenos.

11) A ironia e o insulto são estratégias que valorizam a face positiva do interlocutor e não significam falta de polidez ou tentativa de ofensa como alguns ‘de fora’ da cultura possam interpretar. Aqui, nossa hipótese foi falseada.

12) O gênero feminino emprega com mais frequência fórmulas de manutenção de face positiva do que o masculino (desculpando-se, elogiando, incentivando, expressando sentimentos e justificando-se) e, ao contrário do que pensávamos sobre o gênero masculino, verificamos a ocorrência da prática corporificada do contato físico entre amigos, com abraços, tapinhas nas costas e aperto de mão.

Enfim, com subsídios da Teoria da Polidez, acreditamos que a contribuição maior deste trabalho está na constatação de que os nativos da região fazem muito mais uso das estratégias de polidez positiva do que negativa, o que revela ser uma sociedade sociocêntrica, advinda de uma história sofrida e subalterna ao Império. As necessidades do outro são prioridade e o desejo de agradá-lo, valorizá-lo e respeitá-lo fica evidente nas fórmulas utilizadas pelos informantes. Em termos gerais, podemos afirmar que a forma como os descendentes de imigrantes italianos realizam a polidez entre si reflete a manutenção da face positiva do interlocutor e ocorre de forma cordial, principalmente em situações de intimidade e informalidade entre os interlocutores. Diziam já Brown e Levinson (1987) que as sociedades dominadoras, possuidoras de poder socioeconômico possuem culturas de polidez negativa, pois reconhecem seu poder e liberdade de ação como bem entendem e têm a necessidade de reafirmarem sua liberdade, enquanto que as sociedades dominadas possuem culturas de polidez positiva, pois reconhecem a necessidade de reafirmarem solidariedade e ajuda mútua, em virtude de essas sociedades não poderem exercer poder, devido às óbvias restrições de atuação (BROWN; LEVINSON, 1987 apud FOLEY, p. 273). Historicamente, a cultura da polidez positiva remete às disposições duráveis de uma sociedade que sofreu restrições e passou por necessidades de diferentes âmbitos. Mesmo que a vitória tenha sido conquistada, no sentido de que a região é considerada economicamente próspera, permanece a prática da solidariedade e da polidez positiva, na sua maioria. As estratégias de manutenção e preservação da face do outro remetem à cooperatividade, à sociabilidade e à ajuda mútua – traços marcantes das práticas transgeracionais locais.

No que se refere a PLE, minha pessoal necessidade de arquivar fórmulas de alguns atos de fala de polidez positiva, juntamente com seus significados histórico-culturais foi suprida. Fórmulas já foram expostas aos alunos paralelamente às práticas com motivações histórico-culturais, com resultados satisfatórios.

Entre as contribuições oferecidas por esta pesquisa podemos citar a metodologia qualitativa, feita através do instrumento-entrevista e a abordagem teórica. Ambas podem ser uma das maneiras de gerar dados lingüístico-culturais que possam servir de recurso-suporte para o profissionais que atuam em diferentes

países/culturas da América Latina. É possível aplicar esse estudo a *corpora* de mesma natureza em outros contextos que envolvam a necessidade de conhecimento, compreensão e valorização cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Loar Chein. O ato de agradecer e estratégias de intensificação. In: ZANDWAIS, Ana (org.) *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2002.

ALVES, Adda-Nari Menezes. *O discurso da polidez: um estudo pragmático da aprendizagem do espanhol como L2*. 1994. 236 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BOURDIEU, Pierre. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

_____. *The logic of practice*. 2. ed. Stanford University Press, 1990.

_____. *A economia das trocas lingüísticas*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Universals in language usage: politeness phenomena*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

_____. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. Politeness: some universals in language use. In: JAWORSKI, Adam; COUPLAND, Nicolas. *The discourse reader*. London e New York: Routledge, 1999.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic anthropology*. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FOLEY, William A. *Anthropological linguistics: an introduction*. University of Sydney: Blackwell Publishers, 1997.

GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Garden City e New York: Anchor e Doubleday, 1967.

_____. The neglected situation. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: Editora AGE, 1998.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: Editora AGE, 1998.

JAWORSKY, Adam; COUPLAND, Nicolas (orgs.) *The discourse reader*. London e New York: Routledge, 1999.

NAIDITCH, Fernando. *Transferência pragmática, cultura e interlíngua: o caso dos pedidos de permissão*. 1998. 191 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da

Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: Editora AGE, 1998.